

AS DIFERENTES VOZES DAS MULHERES DO GRUPO COLMÉIA: O CORPO GORDO FEMININO

Carla Rosane Mattos Gautério¹
Méri Rosane Santos da Silva²

RESUMO: O objetivo dessa investigação é analisar as concepções de corpo das mulheres do Grupo Colméia, da cidade de Rio Grande – RS, que se consideram gordas. Como referencial metodológico usou-se os Estudos Culturais e o Grupo Focal serviu como ferramenta para a obtenção das informações, as quais foram analisadas através da Análise de Conteúdo. As narrativas das mulheres demonstraram que elas estão aprisionadas ao poder que controla o corpo através de um ideal de beleza e saúde padronizado. Ser bela para a maioria delas é ter um corpo magro e saudável.

Palavras-chave: Cultura. Mulher. Corpo Gordo.

THE DIFFERENT VOICES OF THE COMEIA GROUP: THE FEMALE FAT BODY

ABSTRACT: The objective of this research is to analyze the conceptions of women's bodies of Comeia Group, from Rio Grande - RS, who consider themselves fat. As methodological referential, it was used the Cultural Studies, and the Focal Group served as a tool for obtaining information, which were analyzed through Content Analysis. The narratives of women demonstrated that they are stuck by the power that controls the body through an standard ideal of beauty and health. Being beautiful for most of them is to have a skinny and healthy body.

Word keys: Culture. Woman. Body Fat.

LAS DIFERENTES VOCES DE LAS MUJERES DEL GRUPO COLMÉIA: EL CUERPO GORDO FEMININO

RESUMEN: El objetivo de esta investigación es analizar las concepciones de cuerpo de las mujeres del “Grupo Colméia”, de la ciudad de Rio Grande – RS, que se consideran gordas. Como referencial metodológico se usó los estudios culturales y el “Grupo Focal” sirvió como herramienta para la obtención de las informaciones, las cuales fueron analizadas a través del análisis de contenido. Las narrativas de las mujeres demostraron que ellas están aprisionadas al poder que controla el cuerpo a través del ideal de belleza y salud padrón. Ser bella para la mayoría de ellas es tener un cuerpo delgado y saludable.

Palabras claves: Cultura. Mujer. Cuerpo Gordo.

¹ Graduada no Curso de Educação Física Licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), mestranda do Programa de Pós-Graduação Educação em Ciências: química da vida e saúde (FURG). gauteriocarla@yahoo.com.br

² Prof^a Dr^a. da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Instituto de Educação, Licenciatura em Educação Física, Programa de Pós Graduação Educação em Ciências: química da vida e saúde (FURG). meri.rosane@hotmail.com



INTRODUÇÃO

O corpo gordo, o qual é tratado no discurso médico como obeso, é um tema atual, que está sendo considerado um problema de saúde pública. Este corpo envolve uma complexa rede de relações sociais, culturais e biológicas, porém, nota-se, em geral, que os aspectos mais estudados sobre o corpo gordo são os biológicos.

Frente à amplitude do tema, é intuito dessa pesquisa olhar o corpo gordo sob os aspectos culturais e sociais, visto que nossa sociedade está sempre em constante modificação social, econômica, política e cultural, os quais devem ser levados em consideração. Desse modo, a pesquisa direciona seu estudo sobre o corpo das mulheres consideradas gordas, fundamentando-se em Goellner (2001), que afirma que o corpo feminino, ao longo do tempo foi alvo de “estratégias de controle e ocultamento a ele dirigida”. (p.36). As mulheres foram e são muito interpeladas a seguir modelos idealizados de corporeidade; o culto a magreza e a rejeição aos gordos, considerados fora dos padrões de beleza e saúde da atualidade, mostram uma forma de controle e poder sobre os corpos femininos.

Assim, esse trabalho procura identificar diferentes concepções sobre o corpo gordo da mulher. Para isso, o objetivo geral dessa pesquisa é analisar a concepção de corpo das mulheres que se consideram gordas do Grupo Colméia³, da cidade de Rio Grande – RS.

Compreender que o corpo está em constante modificação em relação a seus significados é essencial, pois o que era considerado como belo e saudável, em épocas anteriores, atualmente, pode ser considerado como feio e doente. Essa pesquisa busca perceber a constituição do corpo como histórico, pessoal, cultural e social. Isso permite tentar superar “verdades” tidas como dadas, levando em consideração aspectos da vida dessas mulheres, para melhor compreender esse tema.

³ Associação Movimento Solidário Colméia é uma sociedade civil que tem como principal objetivo possibilitar o resgate da cidadania e melhorar a qualidade de vida de algumas famílias que residem no bairro Assis Brasil e seus arredores, no município do Rio Grande/RS. Essas famílias vivem em situação de extrema pobreza, sobrevivendo, muitas vezes, do que catam do lixo.

A CONSTRUÇÃO DO CORPO GORDO: HISTÓRIA, CULTURA, GÊNERO E MULHER

As percepções que o ser humano desenvolve sobre sua corporeidade e suas formas de comportamento intelectual, moral, afetiva e física, são dependentes de aspectos culturais e sociais que se estabelecem através de processos históricos, que estão sempre em constante modificação. Dessa maneira, o corpo não é algo dado *a priori*, ele é provisório, mutável e mutante, estando suscetível a várias interferências com relação ao contexto em que ele está inserido. (GONÇALVES, 1997 e GOELLNER, 2008)

A gordura corporal, em outras sociedades, era considerada como símbolo de beleza e saúde e, sobre isso, Sant'Anna (2001) afirma que havia “tempos menos duros para com os corpos pesados”. As pessoas gordas eram consideradas formosas e possuíam prestígio social, pois a adiposidade ainda não havia se tornado sinônimo de doença e feiura.

A compreensão de que o corpo é uma construção histórica, social e cultural, possibilita um debate sobre gênero enfatizando que o mesmo não é algo dado *a priori*; ele indica uma construção que se realiza através das relações e instituições sociais (família e escola, por exemplo) ao longo da vida, estabelecendo como ser homem e mulher. A linguagem que produz o “que é ser mulher” e o que “é ser homem”, afirma Louro (2010), é sempre destacada nos corpos, através do contexto de determina cultura e, por isso, são socialmente estabelecidas.

Enfatizar, então, que as diferenças entre homens e mulheres não se dão somente através de definições biológicas é importante. Isso possibilita entender o corpo como “produzido na cultura e pela cultura”, ultrapassando o olhar naturalista com que, muitas vezes, o corpo é explicado e tratado.

Entendendo que o corpo é uma construção tanto biológica como cultural, é importante perceber como foi se constituindo o corpo feminino ao longo do tempo. Durante a gestação e ao nascerem, os meninos e as meninas têm suas vidas delineadas nas expectativas de sua mãe

e seu pai, e isso depende do sexo. O bebê vai se constituindo como um corpo masculino ou feminino, guiado por um aprendizado que começa na instituição familiar.

Soares (2008) fala sobre a repressão colocada ao corpo feminino, o qual tinha seu lugar no âmbito privado. Porém, ao longo do tempo, passou a romper com essas estruturas e o corpo da mulher torna-se visualizado na vida pública. Goellner (2006) coloca que o corpo feminino se “despiu” e agora é observado em diversas instâncias culturais como na televisão, nas propagandas, nos cartazes... Com seu corpo em exibição, as mulheres passam cada vez mais a buscar uma perfeição corporal.

Sant’Anna (1995) afirma que a concepção de que a beleza é uma característica feminina, assim como a força é uma particularidade masculina, atravessa os séculos e as culturas como algo *a priori* (p. 121). As mulheres deixam as amarras dos espartilhos para se tornarem prisioneiras de uma doutrina que não permite nenhuma mudança; engessando sua identidade corporal feminina à tríade beleza-juventude-saúde.

Assim, admite-se que o corpo da mulher está sempre sendo re/descoberto e re/inventado. Todas as marcas que se constrói sobre a corporeidade feminina são “produzidas” pela cultura e pela sociedade, de múltiplas formas em tempos e espaços diferentes.

A OFICINA: A CAIXA DE FERRAMENTAS UTILIZADA NOS CAMINHOS PARA A PESQUISA

Essa pesquisa se apoia no campo dos Estudos Culturais, utilizando o Grupo Focal como estratégia para produção de informações, as quais foram analisadas através da Análise de Conteúdo.

Com relação aos Estudos Culturais, Costa, Silveira e Sommer (2003) falam sobre a busca da descentralização da concepção de cultura, deixando o etnocentrismo; "abrindo portas" para uma diversidade de possibilidades de análises sobre culturas populares, incluindo pequenos grupos que antes eram desconsiderados. Dessa maneira, os Estudos Culturais se



caracterizam por não ser hegemônico e disciplinar, não admitindo, como diz Costa (2000), uma tendência naturalizada, ou seja, a qual possui um único ponto central de referência para o estudo das culturas. (p.13).

A ferramenta utilizada para a produção de informações foi o Grupo Focal, que prevêm a obtenção das informações, a partir de discussões em grupo, nas quais os indivíduos podem expressar “suas percepções, crenças, hábitos, valores, restrições, preconceitos, linguagens e simbologia, permitindo compreender os processos de construção da realidade por determinados grupos sociais”, através da interação entre os sujeitos. (GATTI, 2005, p.11).

Com relação à escolha do local para intervenção de pesquisa, optou-se por trabalhar com o Grupo Colméia, que está situado no bairro Assis Brasil, na cidade do Rio Grande - RS. Os motivos que levaram a preferência por este público foram os seguintes: a maioria dos indivíduos que frequentam são mulheres, que são o foco da pesquisa, e a receptividade das organizadoras do Grupo Colméia, que permitiram o acesso às mulheres. Para a seleção das participantes, as mesmas deveriam possuir uma característica em comum, o sexo, além de se considerarem gordas, sendo que nenhum outro critério foi utilizado para a participação ou exclusão do trabalho.

Como estratégia de formação do grupo que participaria da pesquisa, realizou-se um convite, no qual foi explicado sobre a temática a ser discutida, propondo a participação das mulheres. Assim, foi constituído o grupo, que se caracterizava por mulheres com idade entre vinte e sessenta anos, das quais 40% não trabalham fora de casa e o restante são empregadas domésticas informais. Importante ressaltar que foram repassadas as mesmas um termo de Consentimento Livre e Esclarecido, os quais foram assinados por elas.

Foram feitas quatro reuniões, sendo que os encontros foram gravados e filmados, para uma melhor análise. Com relação ao número de mulheres que participaram, na primeira sessão, compareceram doze e nas outras três a metade.

Para o roteiro, que serviu para conduzir as discussões nos encontros com o grupo, o mesmo teve como finalidade orientá-las e estimulá-las. Porém, o processo interativo entre elas foi sempre priorizado, existindo a flexibilidade entre os temas. As mulheres foram estimuladas a falar através da apresentação de slide e essas conversas fluíram com bastante facilidade.

Observando algumas narrativas, no decorrer dos encontros, foram incluídos outros pontos nas conversas: a velhice relacionada à gordura e as diferenças entre homens e mulheres com relação às exigências corporais. Porém, as discussões em relação a esses pontos não ocorreram, no entanto, outros dois aspectos foram trazidos e abordados por elas durante os encontros: o preconceito e a situação econômica, pontos que as mulheres consideraram relevantes.

O próximo passo, então, foi à análise das informações obtidas e, para isso, esta pesquisa se propôs a trabalhar com a metodologia denominada Análise de Conteúdo (AC), a qual, segundo Bardin (1977), define-se como um conjunto de técnicas de análise que, através de uma descrição sistemática, quantitativa ou qualitativa, possibilita níveis de compreensão mais profundos sobre o assunto que se pretende investigar.

Para Moraes (1999), a AC é constituída de cinco etapas: preparação do material; codificação; unitarização; categorizarão; e por fim adescrição, as quais foram obedecidas nessa pesquisa. Por fim, o autor fala sobre a interpretação das mensagens, a qual busca uma compreensão dos significados para além de uma simples leitura, buscando um entendimento mais aprofundado, através de uma exploração das informações obtidas nos encontros com as mulheres do Grupo Colméia, expressos nas categorias de análise.

AS VOZES DO GRUPO COLMÉIA

Ao dar vozes às mulheres do Grupo Colméia, poder-se-á entender quais são as concepções que elas possuem de seus corpos. Considerando-se como gordas, essas mulheres



discutem essa questão através de quatro fatores: beleza e saúde, preconceito, sexualidade e situação econômica, e irão mostrar como compreendem sua corporeidade a partir disso.

O binômio **saúde-beleza** vem produzindo, em diferentes épocas, a corporeidade feminina, disciplinando o corpo da mulher. O corpo gordo já foi considerado sinônimo de beleza e saúde, porém, a partir do século XX, essa representação sofre modificações.

Dessa maneira, cada vez mais a beleza e a saúde estão relacionadas e Novaes (2006) afirma que “cultivar a beleza, a boa forma e a saúde”, a partir de um padrão estético estabelecido, apontam para um sistema de ideias que se fixam como um verdadeiro estilo de bem viver, pois cuidar do corpo é indispensável para se chegar ao caminho da felicidade (p. 84). A fala abaixo evidencia isso.

Acácia: “Antes eu era bem faceira, bem magrinha. Agora tô virando uma porca. A gente bota uma roupa e fica horrível; bota uma roupa fica ridículo”.

Ela atrela a magreza à alegria, como algo que traz satisfação. Dessa forma, as mulheres travam uma busca desenfreada por um corpo ideal, muitas vezes, para satisfazer a cobrança social e familiar, como demonstram as falas de “**Violeta**” e “**Acácia**”. Elas não aceitem a gordura corporal, mas demonstram descontentamento, através dos olhares e expressões, por “terem” que se adequar a esse modelo de magreza.

Violeta: “quando a gente tá gordão serve”.
Acácia: “Minha filha diz que estou horrível [...]. Prefiro ficar mais magrinha”.

O corpo magro para essas mulheres é sinônimo de beleza e de aceitação. Segundo elas, para que sejam admiradas e se sintam femininas, obrigatoriamente, devem estar magras e isso promove modificações e pedagogias de controle sobre a corporeidade feminina. Para as mulheres do Grupo Colméia os modelos de magreza devem ser seguidos, mesmo que não seja o desejável nas suas concepções, mas é a maneira de serem aceitas pela sociedade.

A sociedade vê a gordura como algo não desejável para os padrões estéticos e saudáveis da contemporaneidade, configurando-se como um dos piores tipos de negligência



com o próprio corpo. A linguagem que integra a mulher gorda ao desleixo, acaba gerando uma culpabilização daquelas que não conseguem se “moldar” às exigências sociais de beleza e saúde e a fala de “*Orquídea*” expressa isso:

Orquídea: “Vamo dize que a gente tá lá na praia deitadinha; aí passa uma magrinha toda bonitona e fica nos olhando. E aí já fica aquela coisa que a gente já não gosta,[...]”

No relato acima, “*Orquídea*” enfatiza seu constrangimento diante de situações que, segundo ela, reafirmam sua “*feiúra*”, a qual está atrelada à gordura. Para nossa sociedade, existir significa ser visto; construindo uma nova concepção que torna os sujeitos espectadores e espetáculo, procurando no olhar do outro a sua aprovação. (NOVAES, 2006)

Essas mulheres, desde cedo, estão aprendendo a olhar os seus corpos através desse referencial de magreza, que está associado à beleza, sujeitando-as a uma série de rituais e sacrifícios, como, por exemplo, as cirurgias plásticas e dietas milagrosas. A fala de “*Acácia*” enfatiza bem isso.

Acácia: “Se eu resolvo emagrecer mesmo eu fico com fome! Chego a ver três na frente dos olhos, mas fico”!

O corpo magro também é, nessa sociedade, considerado sinônimo de saúde como colocado narrativa abaixo:

Acácia: “Ah é! O peso influencia. Mais magra tudo é melhor; até pra correr, pra caminhar, pra dormir, tudo! Pra deitar e pra levantar mais ligeiro”.

Acácia, e as outras mulheres elegem a agilidade, a rapidez e a disposição como fatores que estão relacionados à saúde e à magreza; já o corpo gordo é visto como antônimo a esses aspectos. Para “*Acácia*”, a gordura atrapalha também seu trabalho em casa e fora:

Acácia: “Quando eu engordo é horrível! Porque quando eu emagreço eu faço as minhas coisas mais rápido, fico disposta. É ruim tanto pro trabalho de casa e fora.”.

Entretanto, algumas mulheres do grupo discordam dessa colocação e a fala de **Rosa** manifesta isso:

Rosa: “*Eu não me sinto cansada pra trabalhar; as outras pessoas é que acham isso. O peso não me incomoda no meu trabalho.*”

A partir dos relatos acima, as falas das mulheres do Grupo Colméia se voltam para uma nova problemática: o **preconceito**. O padrão instituído como melhor e “normal” para a sociedade ocidental, hoje, seria de um indivíduo magro e esguio.

O que se pode perceber, conforme afirma Laraia (2003), é que as mudanças ocorridas através dos tempos, traz uma herança cultural que sempre condiciona os indivíduos a agir depreciativamente com relação àqueles que são diferentes dos padrões aceitos pela maioria das pessoas de uma determinada sociedade. A valorização do corpo magro cria uma percepção negativa em relação à gordura, que são manifestas pelas mulheres. Para ela, a gordura é um obstáculo para a entrada no mercado de trabalho.

Acácia: “*Na hora do serviço tem preconceito; acham que a pessoa não vai ter o mesmo pique que uma magrinha e é tudo assim. Acham que a magrinha tem mais agilidade.*”

Andrade (2003) enfatiza que as indústrias procuram por corpos cada vez mais ágeis e aptos, qualidades que, na maioria das vezes, não é atribuída àqueles com excesso de peso.

Outro aspecto manifestado pelas mulheres é em relação aos adjetivos agressivos atribuídos àqueles pessoas consideradas gordas.

Violeta: “*Eu ficava triste quando era mais gorda e mais nova; tinha um guri na frente da minha casa que me chamava de ‘Boto rosa’;[...].*”

Através desses relatos ficam evidentes as relações de poder, “arrumando” os sujeitos de modo diferenciado dentro da sociedade (Foucault, 2002). Isso inclui e exclui os indivíduos, hierarquizando-os.

Em outro momento das discussões, as falas das mulheres abordaram a questão da **sexualidade**. Novaes (2006) enfatiza que a mulher gorda, que é considerada feia, acaba tendo sua sexualidade afetada, pois sua imagem é desvinculada da beleza e, portanto, do poder de atração e de incitação do desejo sexual masculino (p. 242). Porém, as falas de “**Tulipa**” evidenciam o contrário.

Tulipa: “*Eu tenho medo de emagrecer, pânico! Porque gosto de ser assim*”.

Tulipa: “*Há eu tiro a roupa! Me sinto bem a vontade;[...] eu não tenho vergonha. Ai meu marido diz: ah se eu te pego!*”

“**Tulipa**” afirma ser bela e vincula a sua gordura a essa beleza, demonstrando não ter vergonha de expor o seu corpo gordo. Ela também deixa transparecer, em sua última frase, o quanto se sente a vontade com seu marido, o qual, segundo “**Tulipa**”, possui atração sexual por ela.

Porém, a exposição aos olhares, mencionada por “**Tulipa**”, não é algo confortável para todas. Em uma sociedade que estimula a superexposição dos corpos, estar fora dos padrões estéticos causa, para a maioria das pessoas, incômodo. Se expor ao olhar do outro ou até mesmo ao próprio olhar, é uma barreira a ser transposta.

“**Jasmim**” e “**Violeta**” relatam que sentem vergonha de mostrar seus corpos despidos para seus cônjuges:

Jasmim: “*Eu tomo banho, eu coloco a roupa ou pego a toalha e me enrolo. Ai ele (marido) diz assim: ‘Ai tira essa toalha!’ . Ai eu digo que não, porque tô muito gorda.*” **Violeta:** “*Com o meu marido eu faço tudo de luz apagada.*”.

Para essas mulheres a gordura é algo “feio”, por isso, é melhor esconder do que exibir o “indesejável”. Enquanto que para as mulheres esbeltas o corpo se apresenta como algo a ser admirado, visto, estando pronto para despertar o desejo, percebe-se que para a maioria das mulheres do Grupo Colmeia, que se consideram gordas, o melhor seria não se expor aos olhares de desaprovação, sejam eles reais ou imaginados.

Com isso, enaltece a ideia do corpo magro como um ideal a ser alcançado, reflete uma ansiedade dessas mulheres, mesmo que esse objetivo não seja para satisfazer a si, mas para alcançar a aprovação social e familiar. Porém, a rotina que segundo elas deveria se ter para atingir tal finalidade (dieta e exercícios físicos) é impossível quando pensada no contexto em que elas estão inseridas e é nesse ponto da conversa que elas abordam sobre sua **situação econômica**.

Essas mulheres residem no bairro Assis Brasil e que possui, em seus arredores, entre outros, os bairros Castelo Branco e Cidade de Agueda, locais caracterizados pela extrema pobreza. Por isso, as falas retratam a dificuldade financeira vivida por elas:

Violeta: “A gente não tem muita coisa pra fazê. Quando tem um dinheiro sobrando tem que comer bem, né”.

Acácia: “[...]. Pobre fica contente quando tem um pedaço de carne pra bota em cima da mesa. Quando bota fica feliz da vida e come tudo de uma vez só, de preferência”.

Diante das falas acima, as mulheres evidenciam que consideram comer uma experiência prazerosa. Para elas, o alimento serve como um elemento de conforto diante da superação dos dilemas do cotidiano, ocasionados pela falta de recursos financeiros, de lazer e pelos problemas familiares.

Outro ponto enfatizado por uma das mulheres é em relação à atividade física, a qual na sociedade é destacada, pois é através dela (além de outras) que se revelam os cuidados com o corpo. Del Priore (2000) afirma que o corpo desejável é “um corpo de ‘classe’”. Ele pertence aos sujeitos que possuem condições econômicas para frequentar academias, ter um personal trainer. Em sua narrativa, “**Acácia**” vai ao encontro da ideia da autora e relaciona o exercício físico com academias de ginástica, não conseguindo perceber essa atividade em outros espaços e com outras possibilidades.

Acácia: “Na situação que a gente se encontra hoje academia é pra quem tem dinheiro. Porque pobre passa pela academia e só vai olhando porque dinheiro pra pagar...”

Além disso, sua fala expressa um sentimento de exclusão: se ela não pode frequentar uma academia significa que está excluindo uma boa possibilidade de alcançar seu objetivo, que é o de ter um corpo magro e saudável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: SOBRE AS CONCEPÇÕES

A “finalização” dessa pesquisa relata o quanto ela possibilitou olhar para as mulheres do Grupo Colméia como seres únicos, culturais e sociais, os quais reafirmam ou contestam “verdades” estabelecidas pela sociedade. Compreender o corpo gordo permite pensar sobre a gordura, através de diferentes aspectos, que não somente os biológicos, possibilitando um olhar diferente para essas mulheres.

Assim, essa pesquisa demonstra através das falas das mulheres do Grupo Colméia, o quanto seus corpos estão presos a linguagens e técnicas de disciplinamento e isso faz com que elas promovam uma busca incansável por um corpo magro, mesmo que esse objetivo não seja para satisfazê-las. Elas se atribuem o dever de serem belas e saudáveis⁴ para que possam ser aceitas pela sociedade e suas famílias.

As mulheres do Grupo Colmeia se percebem corporalmente imperfeitas, bem como desarticuladas do panorama da moralização da beleza e saúde, no qual o corpo magro é o protagonista. Isso estabelece um culto à magreza, fazendo com que elas tenham um corpo que ao mesmo tempo em que é seu não lhes pertence.

Porém, *Tulipa*, que se considera gorda, evidencia a sua satisfação corporal e associa sua beleza à gordura; uma maneira “diferente” de sentir o corpo dentro de uma sociedade que prima pela magreza. Entretanto, o restante do grupo possui suas concepções de corpo vinculadas às “verdades” que criam padrões pré-estabelecidos sobre a corporeidade feminina. Dessa forma, a maioria das mulheres do grupo adota, sem muitos questionamentos, a linguagem que elege o corpo magro como belo e saudável.

⁴ Uma beleza e saúde padronizada, a qual tem como objetivo o corpo magro.



ARTIGO

Assim, depois de tantas falas e de tantos olhares diferentes sobre o corpo, chega-se ao “final” dessa etapa de trabalho, a qual produz tantas outras possibilidades de pesquisa. Quem sabe...

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Sandra dos Santos. Saúde e beleza do corpo feminino – algumas representações no Brasil do Século XX. **Revista Movimento**, Porto Alegre: v. 9, n. 1, janeiro/abril de 2003. p.119-143.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977.

COSTA, Marisa Vorraber. Estudos culturais – para além das fronteiras disciplinares. IN: _____ (org.). **Estudos culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura e cinema**. Porto Alegre: Universidade/UFRGS, 2000. p. 13-36.

DEL PRIORE, Mary. **Corpo a corpo com a mulher: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil**. São Paulo: SENAC, 2000.

FISCHLER, Claude. Obeso Benigno, Obeso maligno. In: SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de (Org.). **Política do Corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995. p. 69-79.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 17.ed. Rio de Janeiro: Graal, 2002.

_____. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. 25.ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 115-192.

GATTI, Bernadete Angelina. **Grupo Focal na Pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília: Líber Livro, 2005.

GONÇALVES, Maria Augusta Salin. **Sentir, Pensar, Agir**. Campinas: Papirus, 1997.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A Educação Física e a construção do corpo da mulher: imagens de feminilidade. **Motrivivência**. Santa Catarina: Universidade Federal de Santa Catarina, n. 16, 2001. p. 35-52.



EDUCAÇÃO FÍSICA: DIGRESSÕES, CONTROVÉRSIAS E PERSPECTIVAS

Revista Didática Sistemática, ISSN 1809-3108 v.16 n.1 (2014). Edição Especial. p.21-33